



- 1 -

A rapariga magricela virou a cabeça e olhou fixamente para Emma Hollis com os seus grandes olhos vazios.

– Deixe-me em paz. Estou cansada de mais para continuar a falar.

Emma contemplou com ar preocupado a frágil adolescente sentada à sua frente. Tasha Clayman tinha sido admitida na véspera no Centro de Juventude em Crise Wrightsman. Conseguia distinguir cada uma das costelas daquela jovem de dezasseis anos por baixo do seu suéter fino. Tinha as faces cavadas e o cabelo louro, apanhado num rabo-de-cavalo, era seco e escorrido. Uma imagem de Ivy Devlin veio à ideia de Emma, que teve de dominar um sentimento de pânico. «Fizeste tudo o que pudeste por Ivy», recordou a si mesma. «Era demasiado tarde para ela. Não tiveste culpa.» Mas era difícil convencer-se. Emma ainda acordava a meio da noite com pesadelos acerca de Ivy, com os seus grandes olhos enterrados cheios de lastimosas acusações.

– Tasha? – disse Emma com gentileza – Deixa-me fazer-te uma pergunta. Consegues dizer-me o que seria preciso para queres viver?

– Eu não disse que não queria viver – protestou a rapariga numa voz monótona, tão fraca que mal se ouvia.
– Só tenho de vigiar a minha ingestão de alimentos, porque estou demasiado gorda.

Emma hesitou, escolhendo a sua resposta com todo o cuidado. Com vinte e seis anos, tinha um doutoramento em psicologia, mas aquele lugar no centro de crise era o seu primeiro emprego a tempo inteiro como psicóloga clínica. Trabalhar com doentes era muito mais assustador que fazer trabalho de pesquisa na biblioteca da universidade e tratar clientes sob a supervisão constante de um profissional experiente. Por vezes tinha a sensação de ainda não ter recuperado o equilíbrio depois de Ivy ter sucumbido à sua anorexia, seis meses antes. Burke Heisler, o psiquiatra que dirigia o centro, tinha apoiado as decisões que ela tomara acerca do tratamento de Ivy. Mesmo depois da morte de Ivy Devlin, recusara-se a permitir que Emma fizesse autocrítica.

– Não tens de que te culpar – garantira. – Fizeste tudo o que podias para a ajudar.

«Ele tem razão», pensou. «Esta rapariga precisa de ti e tu estás em condições de ajudá-la.»

– Tasha, ambas sabemos que a fome pode levar à morte. E a morte é uma maneira de escapar ao que te faz sofrer, seja o que for. Alguma coisa está a provocar-te sofrimento, a causar-te tão grande dor.

Uma lágrima correu pela face encovada da jovem. Não se deu ao trabalho de a limpar.

– Falar sobre o assunto também é uma forma de fuga – insistiu Emma. – Uma forma melhor. Se conseguires dizê-lo em voz alta, podemos procurar soluções.

A rapariga olhou para Emma com um olhar obcecado.

– Odeio-me a mim mesma. Como hei-de fugir de mim mesma? – perguntou. – Sou gorda. Sou uma falhada. Não tenho namorado porque ninguém consegue sequer amar-me. As minhas qualificações não são suficientemente boas. Não sou bonita. Sou uma desilusão completa para os meus pais...

Emma ficou a pensar nos pais de Tasha. Eram pessoas instruídas, atraentes e ricas. E Tasha era filha única. Na sua curta conversa com eles, na véspera, Wade Clayman dissera-lhe que ele e a mulher eram pessoas de meios, que tinham dado tudo à filha. Não se viam como parte do problema de Tasha.

A opinião deles era simplesmente aquela, recordou Emma a si mesma. «O teu trabalho é salvar a vida desta rapariga.»

– Muito bem – disse Emma, respirando fundo –, fala-me dos teus pais.

Depois da sessão, Emma dirigiu-se para o vestíbulo pintado de cores alegres que dava acesso ao gabinete do Dr. Heisler. Tinha alguns minutos até à consulta seguinte. Entrou pela porta aberta da área de recepção do director. A secretária dele, Geraldine Clemens, ergueu os olhos por cima dos seus óculos de meias lentes.

– Ele está? Posso falar com ele um minuto? – perguntou Emma.

– Vou saber – respondeu Geraldine.

Levantou o telefone e tocou para o patrão.

– Olá, doutora Hollis – disse uma voz atrás dela.

Emma virou-se e viu Kieran Foster, um dos membros do seu grupo de terapia para abuso de drogas das quintas-feiras de manhã. Tinha iniciado o grupo havia quase um ano, pouco depois de chegar ao Centro de Juventude Wrightsman. Quando começou, havia três adolescentes no grupo, mas agora costumavam ser oito, por vezes mais, o que ela considerava um sucesso. Kieran estava sentado na área de recepção. Era quase impossível olhá-lo sem estremecer. Aquele adolescente de dezassete anos, todo vestido de preto, tinha um tufo de cabelo magenta no alto da cabeça e uma tatuagem de um olho no meio da testa. Emma achava que o artista em tatuagens responsável por aquela atrocidade devia ser preso.

– Kieran – disse ela. – Olá. Ontem notámos a tua falta no grupo.

– Estive ocupado – respondeu entre dentes.

Abandonado pela mãe alcoólica, Kieran era doente externo e vivia com uma meia-irmã e o irmão desta, um homem extremamente rico. Os seus tutores proporcionavam-lhe todos os automóveis, material electrónico e dinheiro para gastar que ele quisesse e depois tratavam das suas vidas como se ele não existisse. Kieran tinha uma longa história de abuso de drogas e deixara o liceu. O seu único interesse real era tocar guitarra eléctrica e escrever canções atonais com letras explorando o tema da morte e da decadência. Era membro do grupo de Emma há cerca de nove meses, embora raramente contribuísse para a discussão.

– Algum problema? – perguntou Emma.

– Não – respondeu ele, de olhos postos no chão. Raramente estabelecia contacto visual com ela ou com qualquer outra pessoa. – O doutor Heisler pediu à minha irmã que cá viesse.

«Oh-oh», pensou Emma. «Qual será o problema desta vez?» Sabia que Burke devia ter tido de ameaçar a mulher para conseguir que ela se apresentasse para falar acerca de Kieran. Não manifestava o mínimo interesse pelo seu perturbado irmão mais novo.

– Bem, espero que apareças na próxima quinta-feira – disse Emma, com um sorriso. – Gosto sempre de te ver lá.

– O doutor Heisler diz que consegue dar um jeito – disse Geraldine, pousando o auscultador e erguendo os olhos para Emma. – Entre já.

Emma abriu a porta e olhou para dentro.

– Olá – disse.

Burke Heisler levantou os olhos e sorriu. Era jovem para uma pessoa na sua posição, tinha cerca de trinta e cinco anos. Os seus cabelos louros estavam cortados curtos e penteados para trás e tinha um rosto largo e um pouco grosseiro que seria mais adequado a um pugilista. Os seus olhos cinzentos olhavam com uma expressão perspicaz. Emma conhecera Burke Heisler quando era calouira e ele professor assistente, que lhe deu um curso de psicologia.

Tivera uma paixão louca por ele nessa altura, embora ele nunca lhe tivesse prestado mais atenção que a qualquer um dos outros cerca de cem alunos. Dissera a si mesma que isso era porque queria evitar situações impróprias no relacionamento professor-aluna, mas ele acabou por namorar e depois casar com a bela companheira de quarto de Emma, Natalie White. No ano anterior, quando Natalie convidara Emma a visitá-los – viviam em Clarenceville, New Jersey – Burke parecera satisfeito por saber que ela se tinha doutorado em psicologia e que tinham a mesma especialidade. Nesse mesmo fim-de-semana, oferecera a Emma um emprego no

Centro de Juventude Wrightsman, integrado no colossal complexo que era a Universidade de Lambert.

Burke fez-lhe sinal para que se aproximasse e sentasse.

– Hoje estás com dificuldade em te concentrares? – perguntou.

Emma corou, perguntando a si mesma se isso se notaria na cara. Tentava manter-se tão profissional quanto possível, mas era difícil. Ia casar-se no dia seguinte.

– Isso é dizer pouco – reconheceu.

– Bem, é perfeitamente natural. Já agora que estás aqui, que queres para presente de casamento? Eu estava a pensar numa coisa prática, por exemplo uma máquina universal de cozinha.

– Se fores lá a casa mostrar-me como funciona – disse Emma com um sorriso.

Burke era conhecido pelos seus dotes culinários. O seu pai, um homem rico, tivera um casino em Atlantic City e Burke passara vários Verões a trabalhar nas cozinhas.

– Combinado – disse ele, fingindo tomar um apontamento. – Comprar *Cuisinart* e fazer demonstração. – Pousou a caneta e olhou para ela. – Então, que aconteceu?

– Bem, estou um pouco preocupada por estar fora durante todo o fim-de-semana.

Heisler franziu o sobrolho.

– Porquê?

– É aquela doente nova... Tasha Clayman.

– A anoréctica – disse ele.

– Não consigo evitar... depois do que aconteceu.

Burke acenou.

– Compreendo. Ivy Devlin. Olha, não quero que te preocupes com isso. Vou dizer a Sarita que ande de olho em Tasha. – Sarita Ruiz era uma conselheira juvenil que tratava dos adolescentes que estavam à sua responsabilidade com saber e bondade. – Se Tasha apresentar quaisquer sinais de desidratação ou insuficiência renal, Sarita reconhece-os e levamo-la imediatamente para o hospital. Tu trata de usufruir do teu grande dia, estás a ouvir? – disse ele a sorrir. – Se bem que não consigo compreender por que razão só tiram um fim-de-semana para a lua-de-mel. Podias ficar com a semana, se quisesses.

– Está muito bem assim para agora – disse Emma. – A minha mãe oferece-nos uma viagem à Europa como presente de casamento, mas para isso temos de fazer planos. E tudo isto... aconteceu muito depressa, portanto agora só podemos ter um fim-de-semana. Além disso, David tem uma entrevista importante em Nova Iorque na próxima semana com um produtor importante que vem de Los Angeles. E assim vamos só passar dois dias nos Pine Barrens.

Emma referia-se aos mais de um milhão de acres de terras selvagens arenosas e pantanosas, cobertas de

pinheiros, chamados Reserva Nacional de Pineland, situados mesmo no centro de New Jersey. Era o paraíso dos amantes da natureza, atravessado por rios em todos os sentidos e escassamente habitado por um grupo de pessoas ascéticas e xenófobas geralmente conhecidas por Pineys, desde a publicação em 1968 do livro de John McPhee *The Pine Barrens*.

– Vamos fazer canoagem e andar a pé. Tanto David como eu adoramos este género de coisas.

– Vão ficar naquela cabana de pesca que é dos tios dele?

– É isso mesmo.

– O tio dele costumava levar-nos para lá quando éramos miúdos. – Burke e o futuro marido de Emma, David Webster, eram amigos desde pequenos. – Tínhamos sempre medo de que o Demónio de Jersey nos apanhasse – recordou Burke, referindo-se ao menino-demónio com fama de imortal que se dizia que tinha sido dado à luz por uma dona-de-casa colonial chamada Leeds e que, segundo muitos afirmavam, ainda assombrava os Pinelands.

– Não percebo nada de folclore e monstros – disse Emma. – Tanto quanto sei, a maioria dos monstros é humana.

– Concordo plenamente. Eu próprio já pus de lado essas infantilidades, excepto nas noites negras e tempestuosas, claro.

– Seja como for, vai ser óptimo sairmos juntos.

– Nos primeiros dias depois do casamento, não importa onde estamos – disse Burke com um suspiro. – O que conta é estarmos juntos.

Por um instante, o seu olhar pousou-se na moldura com a fotografia de uma bela mulher de pele pálida e sedoso cabelo ruivo a contemplar pensativamente um canal de Veneza. Havia três meses, Burke tinha chegado a casa, vindo de uma viagem de negócios, e verificara que Natalie tinha desaparecido. A polícia encontrou o carro dela estacionado numa ponte sobre o rio Smoking, com a carteira e as chaves ainda pousadas no assento da frente. O seu corpo demorou um mês a vir à superfície, mas a nota que ela deixara afirmava claramente as suas intenções.

A ex-companheira de quarto de Emma, brilhante e dotada, poetiza com obra publicada, era bipolar e muitas vezes tinha recusado tomar a medicação, afirmando que lhe diminuía as percepções e a capacidade para escrever. Emma recordava muitos dos acessos de altos maníacos e baixos depressivos de Natalie desde o tempo em que tinham sido companheiras de quarto na universidade. Quando Emma chegou a Clarenceville, Natalie estava exuberante. Tinha acabado de publicar o seu último livro de poemas, que fora aclamado pela crítica. Seis meses depois o livro conquistou a prestigiada Medalha Salomon, o que pareceu aumentar tanto o seu júbilo como a sua fama. Foi entrevistada para publicações locais e nacionais e, porque falava bem e também era bela, tornou-se numa

convidada popular da televisão pública e de programas dedicados a livros. Inexplicavelmente, apesar do seu sucesso, a energia de Natalie começou a baixar. Foi ficando cada vez mais triste, mas recusava-se a tomar a medicação. Receava que Natalie estivesse a mergulhar num grave ciclo depressivo. Mas, quando tentava falar com ela acerca disso e insistia para que procurasse aconselhamento, Natalie reagia com irritação, insistindo que estava ótima. Emma sabia que não era assim. Apesar dos sinais de aviso, o suicídio de Natalie foi um choque terrível para o marido e também para Emma.

– Espero que estares presente neste casamento não seja demasiado doloroso para ti – disse Emma. – Sei que ainda estás a recuperar.

Burke suspirou.

– Amanhã ela não vai sair do meu pensamento.

– Nem do meu.

Burke abanou a cabeça, mas havia sofrimento nos seus olhos.

– Mas terei orgulho em ser o padrinho de David. Estou feliz por ti. Pelos dois. Acho que Natalie e eu fomos os vossos casamenteiros.

– Foram, sim. Apresentaram-nos um ao outro.

Burke tinha convidado Emma para um jantar de festa em sua casa para comemorar a atribuição da Medalha Salomon a Natalie. O amigo de Burke, David Webster, um escritor independente de Nova Iorque, também foi convidado. A reunião foi muito alegre e Natalie esteve espirituosa e luminosa. Emma recordaria sempre aquela noite porque foi o último serão feliz que se lembrava de ter passado com a sua velha amiga. Mas Emma também nunca esqueceria esse serão por outras razões. Entre ela e David, as faíscas saltaram imediatamente.

As recordações de Emma daquela noite profética foram interrompidas pelo som do seu *pager* a dar sinal. Olhou para ele.

– Falai no diabo...

– O noivo? – perguntou Burke.

Emma acenou e olhou de relance para o relógio. Só tinha alguns minutos até o seu grupo começar. Mas a ideia de ver David Webster, à espera dela no vestíbulo, deixou-a aturdida com a mesma excitação que sentira a primeira vez que pusera os olhos nele, havia seis meses.

– Obrigada, Burke – disse, pondo-se de pé.

– Não te preocupes com nada. Até amanhã.

Quando passou pela área de recepção, Emma ouviu Geraldine, que dizia a Kieran:

– Era a tua irmã. Tem de cancelar. Lamento, Kieran.

Emma suspirou e abanou a cabeça. Por vezes parecia uma tarefa desesperada ajudar jovens como Kieran, quando enfrentavam uma indiferença tão densa em casa. Mas, apesar dos obstáculos, conseguia de facto ajudar, o que a levava a sentir que o seu emprego era

muito válido. Empurrou as portas e observou o átrio. David estava encostado à secretária central, à conversa com a nova recepcionista. Ao vê-lo, Emma reteve a respiração, como fazia muitas vezes. Aos seus olhos, ele era o homem mais atraente que alguma vez tinha conhecido. Na verdade, um dos homens mais belos que já vira.

– David – chamou.

Quando ele ouviu a voz dela, virou-se e arregalou os olhos.

– Olá, querida.

Era da mesma idade que Burke, trinta e três anos, mas, apesar das brancas que salpicavam o seu comprido cabelo castanho-escuro e das rugas à volta dos seus belos olhos cor de avelã, parecia muito mais novo que o seu velho amigo. Tinha uma mandíbula forte e dentes brancos perfeitos, que brilhavam quando sorria, um sorriso gaiato que lhe fazia covinhas na cara e que dava a volta ao coração de Emma. Hoje estava vestido na forma do costume, com calças de ganga e um casaco de cabedal – um estilo de cobói urbano que combinava bem com a sua imagem de vagabundo. Reconhecia que resistia com obstinação a qualquer autoridade e disse-lhe que se tinha tornado escritor independente porque nunca conseguiria suportar as limitações de um emprego regular com um patrão.

Antes de se conhecerem, David tinha vivido no estrangeiro e viajara muito, escrevendo artigos para várias revistas. A sua fonte mais regular de encomendas era a *Slicker*, uma revista para homens em papel lustro à maneira da *Esquire*, mas com um toque mais juvenil. Quando assistiu ao profético jantar de festa em casa de Burke e Natalie, David estava a viver sozinho e tinha subalugado um apartamento em Nova Iorque. Nunca falava das antigas namoradas, mas Emma sabia que estava apenas a ser cavalheiresco. As mulheres olhavam sempre duas vezes para ele. Naquele mesmo momento, a nova recepcionista devorava-o com os olhos. Até os outros homens pareciam ganhar vida na presença dele.

Emma correu para ele, abraçou-o e beijou os seus lábios suaves e insistentes. Sentiu a excitação que a percorria sempre que se tocavam. «Vamos casar amanhã», pensou, e mais uma vez se maravilhou com a sua sorte e a sua felicidade.

– Diz-me – sussurrou –, que te traz aqui?

– Estou aqui para te fazer mudar de ideias – disse ele.

– Acerca de quê?

– Acerca de ficares esta noite em casa de Stephanie. Que pieguice. Coisa mais antiquada...

Stephanie Piper, professora do ensino secundário, que fora companheira de quarto de Emma desde que esta viera para Clarenceville, no dia seguinte seria a sua dama de honor no casamento. Apenas há um mês, Emma e David tinham enfrentado os aspectos práticos do seu

casamento iminente e, por deferência para com o emprego de Emma, tinham alugado uma casa ali mesmo em Clarenceville, para onde tinham ido viver os dois. Felizmente, apesar das tensões dos ajustamentos e dos planos para o casamento, a sua nova casa tinha-se revelado um esconderijo quase tão delicioso como o apartamento de solteiro de David. Mas esta noite Emma regressava ao seu antigo «acampamento» para uma última «noite só para raparigas» antes do casamento.

– Não me importo – disse Emma. – Eu sou antiquada. Só quero voltar a ver-te quando fizer a minha entrada triunfal. Faz uma festa de despedida de solteiro ou qualquer outra coisa.

– Com quem? – disse ele. – Já não conheço aqui ninguém.

Ela sabia que era verdade. Desde o ensino secundário que não vivia em Clarenceville. Quando ela e David se conheceram em casa de Burke e Natalie Heisler, ele estava na cidade porque tinha vindo de Nova Iorque para visitar a mãe, Helen, que tinha uma grave doença cardíaca. Quando Emma saiu da festa nessa noite, pensou que talvez nunca mais encontrasse o misterioso escritor mas quando chegou a casa já o telefone estava a tocar. Era David que lhe telefonava da estação de caminho-de-ferro de Clarenceville, pedindo-lhe que fosse para Nova Iorque com ele nessa mesma noite. Ela hesitou apenas um momento e depois atirou a precaução ao vento e foi ter com ele à plataforma.

O resto do romance foi um turbilhão. O seu namoro de seis meses tinha-se limitado a fins-de-semana e o resto decorrerá à distância. Como Emma partilhava o apartamento em Clarenceville com Stephanie, tinham passado grande parte do tempo no apartamento de David em Nova Iorque. Na verdade, muito desse tempo tinha sido passado no escassamente mobilado quarto do apartamento, ignorando por completo o mundo exterior. Uma vez ou outra davam um passeio no Central Park ou iam ver um filme ou uma peça de teatro. Mas, logo que regressavam ao apartamento de David, enfiavam-se no quarto e faziam amor insaciavelmente, uma dependência interrompida por jantares tardios de comida chinesa que comiam em caixas de cartão, longas conversas e riso irreprimível, além de jogarem *Scrabble*, todos nus, terminando geralmente com o tabuleiro atirado para o lado, as fichas espalhadas pela cama e os suportes de madeira das letras a reboarem pelo chão quando a atenção deles era mais uma vez desviada pelo desejo. Durante todo o tempo de namoro, ela sentia-se como se fosse o amor a estabelecer as regras. Mas esta noite era diferente. Esta noite tinha a ver com tradições e transições.

– Então sai com Burke – sugeriu Emma.

David fez uma careta.

– Acho que ele não deve estar com disposição para uma noite de despedida de solteiro. Quero dizer, já é muito pedir-lhe que vá ao casamento.

Emma suspirou, sabendo que ele se referia à morte de Natalie.

– Eu sei. Tens razão. Bem, talvez possas ir num instante a Nova Iorque. Aposto que te divertias no Short Stop. – O Short Stop era o bar perto de casa de David, onde a levava algumas vezes para tomar uma bebida e conversar com outros escritores e personalidades artísticas. – Mas trate de estar de regresso às dez horas de amanhã, cavalheiro.

Ele sorriu-lhe com malícia.

– Nada me impediria de vir – disse.

– Doutora Hollis – chamou a recepcionista.

Emma desviou os olhos dele e tentou assumir um ar profissional.

– Sim?

– Chegou isto para si.

Estendeu-lhe um sobrescrito branco liso com emma hollis impresso em letras grandes.

– Estás ocupada. Vou-me embora – disse David.

– Não, espera – pediu Emma, agarrando-lhe o braço.

De repente, David ficou com uma expressão desconfiada.

– É uma daquelas cartas?

Emma estendeu a mão para o sobrescrito como se ele fosse desaparecer e abriu-o com um leve tremor nos dedos.

– Não sei. Parece igual aos outros.

Puxou uma folha de papel. O seu coração batia descontroladamente. «Não compreendeste a intensidade do meu amor, senão não estarias a fazer planos para me magoar e envergonhar.»

Emma acenou e tentou falar em voz ligeira.

– É mais uma, sim.

– Deixa-me ver isso. – David arrancou-lhe a carta das mãos.

Emma voltou-se para a recepcionista. O seu coração batia com toda a força, mas manteve a voz calma.

– Onde veio isto? – perguntou.

– Encontrei-o na secretária quando comecei o meu turno – respondeu a recepcionista. – Está alguma coisa mal?

– Raios partam isto! – explodiu David com os dentes cerrados.

– Não, não. Está tudo bem – disse Emma à recepcionista.

David olhou para ela com gravidade.

– Isto não está nada bem, Emma.

– Eu sei. – Primeiro tinha sido uma rosa, entalada no limpa pára-brisas do seu automóvel. Emma lembrava-se de que, na altura, se tinha sentido... surpreendida e ligeiramente lisonjeada. Partiu do princípio de que era de

David, até que o interrogou sobre o assunto. E depois começaram a chegar as mensagens. – Esta é a quarta.

– Amor, temos de chamar a polícia – disse ele.

Todas as mensagens vinham no mesmo papel liso, impressas em computador. Sempre que chegava uma, o coração de Emma tinha um sobressalto e passava os dias seguintes a ler sentidos ocultos em conversas vulgares, tentando imaginar, enquanto falava com pessoas que encontrava, se alguma delas seria a que a estudava, a que sonhava com ela. Passado algum tempo, começava a descontrair e pensava que o assunto estava terminado, que o escritor tinha descoberto outra pessoa em quem se concentrar. E depois vinha a seguinte. Emma tirou a última carta das mãos de David, dobrou-a e meteu-a no bolso.

– A polícia nada pode fazer. Não são ameaças.

– Que vamos fazer? Esperar até que o tipo faça uma loucura? – retorquiu David, zangado.

– Provavelmente é um dos meus doentes. Têm dessas paixões que escapam ao controlo. Acredita, também eu fico arrepiada. Tenho a sensação de que está a vigiar-me, seja ele quem for.

– Não podemos simplesmente pôr o assunto para trás das costas, sem fazer nada – insistiu David.

– Na maioria dos casos, estas... paixões não significam nada – disse ela.

– E nos outros casos...

– Nos outros casos podemos ter uma tentativa de assassínio para chamar a atenção – reconheceu Emma. – Eu sei, David. Mas estou a tentar manter a cabeça fria, porque a polícia não vai fazer nada. Pergunta a Burke, se não acreditas em mim. Ele tem experiência destas situações. Mandar um bilhete de amor não é crime. Mesmo que quem o escreva esteja obcecado.

– Ele anda a perseguir-te... – disse David, fechando os punhos.

– Eu sei. Acredita-me, tenho a esperança de que tudo passe por si. Também detesto isto, mas receio que faça parte do emprego. – Passou-lhe a mão pelo queixo contraído. – Não permitas que isto dê cabo das coisas, por favor, David. Eu sei que ficas zangado. Mas tens de aceitar com desportivismo. Não nego que me sinto... desconfortável. Porque é isso que sinto. Temos aqui muitos jovens perturbados com enormes cargas de problemas. Provavelmente é novo e solitário e não consegue comunicar.

– Não tenho a certeza de que seja um desses garotos. E se for um... louco?

– Os loucos têm tendência para ser um pouco mais... exibicionistas – disse Emma com secura. – Provavelmente estaria a despir-se todo em cima da capota do meu carro.

– Acreditas de facto nisso? Profissionalmente falando, quero dizer.

– Sim, sem dúvida. Por isso, vá lá. Tenta esquecer este assunto por agora.

Ele respirou fundo.

– O mais certo é algum «pímulas» subdesenvolvido ter as paredes do armário cobertas de fotografias tuas – disse David num acesso de raiva. – Sempre que penso nisso...

– Ciúmes? – perguntou ela, apertando-lhe a mão, numa tentativa de desanuviamento.

Ele suspirou e um dos cantos da sua boca ergueu-se.

– Sou o único «pímulas» subdesenvolvido que tem licença para o fazer.

– Tu não és subdesenvolvido.

Ele soltou um rugido e puxou-a para junto de si, apertando-a. Ela começou a rir-se.

– Sabes, tenho mesmo de ir trabalhar.

– Não mudas de ideia acerca desta noite? – sussurrou-lhe ele ao ouvido em voz velada. – Vais deixar-me sozinho naquela nossa cama enorme?

– Bem, é melhor que estejas mesmo sozinho – brincou.

Quando Burke os apresentou, descreveu David como o seu melhor amigo *playboy*. E, quando se envolveu com David, a verdade é que Emma esperava não passar de uma aventura excitante. Agora as coisas tinham mudado e ela odiava pensar no seu passado de *playboy*. Mas, no fundo, não estava preocupada. O seu amor estava muito para além da atracção sexual, embora a sua química sexual fosse uma coisa rara e maravilhosa. Sabia que aquela atracção irresistível acabaria por diminuir, à medida que as suas vidas continuassem juntas. Toda a gente lhe dizia isso. Mas agora era impossível imaginar que alguma vez pudesse ver aquele sorriso, aqueles olhos, sem sentir o apelo do desejo. Deu-lhe outro beijo prolongado e afastou-se dele.

– Amanhã, amor – disse ele. – Tu e eu.

– Eu sei – respondeu ela, radiante.

– Minha mulher.

O coração de Emma dilatou-se ao ouvir as palavras.

– Meu marido – sussurrou.

2

A Pousada General Crossen era um edifício do período colonial com uma fachada de ripas cor de mostarda, debruada de branco intenso e chaminés de tijolo nas duas extremidades. Estava situada ao fundo de uma rua tranquila com casas escondidas que não se viam da rua e era rodeada por acres de jardins e árvores em três lados. A mãe de Emma, que vivia em Chicago, tinha alugado toda a pousada, com oito quartos, para a noite, embora

Emma lhe tivesse dito repetidamente que o casamento, preparado à pressa, seria muito pequeno.

Quando parou diante da pousada, Emma viu que o automóvel de Stephanie já estava arrumado, bem como a carrinha da florista e o camião do fornecedor de comida. Na noite anterior, ela e Stephanie tinham tido uma ótima «despedida de solteira», comendo uma refeição carregada de calorias, fazendo pedicura uma à outra e dançando ao som das suas músicas preferidas. Tinham-se separado de manhã, quando Stephanie insistira em ir ao cabeleireiro, em honra da sua função de acompanhante de Emma na cerimónia. Emma decidira manter o seu aspecto natural.

Emma estacionou ao lado do automóvel de Stephanie e retirou com todo o cuidado o gordo saco de roupa que tinha pendurado atrás, num gancho. O vestido de casamento, obscenamente caro, que a mãe tinha insistido em lhe comprar, estava dentro do saco, protegido com papel. Emma teria ficado satisfeita com um vestido comprado nos armazéns Bloomingdale, mas Kay tinha-lhe suplicado que lhe fizesse a vontade, e assim tinham-se metido no avião para Nova Iorque, para visitarem as salas de exposição de alguns estilistas e Emma tinha concordado, embora com alguma relutância. Um casamento de improviso não era o que Kay tinha sonhado para a sua única filha. Emma pensou que podia ceder ao menos no vestido. Agora, para ser honesta consigo mesma, estava satisfeita por o ter feito. Mal podia esperar para o vestir e ver como ficava. Emma entrou pelo pórtico e abriu a porta da pousada. Ao fundo da sala, um indivíduo novo de óculos e cabelo cortado à escovinha arrumava as cadeiras e as estantes dos músicos para o trio de *jazz* que ia tocar. Stephanie, de calças de ganga e com o cabelo louro apanhado no alto da cabeça num carrapito encaracolado, estudava a localização dos arranjos de flores na sala de tecto de madeira onde a cerimónia seria realizada.

Stephanie virou-se com o barulho da porta a abrir-se e respirou fundo de alívio.

– Chegaste. Já não é sem tempo! Dir-se-ia que é o meu casamento. O cozinheiro está a pedir instruções. Eu estou a atender a florista. Pensava que estas pessoas sabiam o que tinham a fazer. Não é para isso que as contratamos?

– Não te preocupes. A minha mãe vai chegar de um momento para o outro e põe tudo nos eixos. Falei com ela pelo telemóvel há minutos. Não quer perder nada disto. Boa, gosto do teu cabelo!

– Oh, por favor! Parece que vou a um baile de gala.

– É muito elegante – disse Emma, querendo ser justa.

– E o teu faz com que pareças uma deusa do sexo.

Emma olhou de relance para ver o cabelo, no espelho por cima da prateleira coberta de flores da lareira. Caía-lhe abaixo dos ombros, cor de mel e cheio de ondas.

– David gosta dele solto. O que achas?
– Estás esplêndida. Estás resplandecente, Mas, na verdade...

– É o aspecto das mulheres quando estão grávidas
– disse Emma com secura.

Stephanie acenou e olhou para a cintura de Emma.

– Espero que o vestido do casamento tenha alguma folga.

– Ora – protestou Emma. – Só estou de dois meses.

– Ainda bem que não projectaste o casamento para o Dia dos Namorados.

– Estou a trabalhar o mais depressa que posso – respondeu Emma.

A verdade era que quando, quatro meses depois do início do seu romance, Emma dera por si inesperadamente grávida, muito em segredo e com muita tristeza calculou que fosse o fim da sua relação com David. David tinha vivido em sacos-cama e em instalações temporárias durante toda a sua vida adulta. Por um lado, Emma tinha a certeza de que, apesar da intensidade do seu romance, para ele não passava de mais um caso e que a notícia ia pô-lo em fuga. Para seu choque, ele reagira com um inopinado pedido de casamento. Queria-a a ela e queria o bebé deles. Não o faria mudar de ideias. Quando ela insistiu, perguntando-lhe se ele tinha a certeza de que era isso que queria, ele respondeu-lhe que ela era o seu milagre.

– Como podes estar tão calma? – perguntou Stephanie. – Não estás nervosa? Todas as noivas ficam nervosas.

– Bem, na verdade vomitei esta manhã depois de tu saíres, mas agora começo muitas vezes assim o dia. Não estou nada nervosa. Que posso dizer? Ele é o tal. Sabes?

– Como posso saber? – disse Stephanie com tristeza.

Quando Emma chegou à cidade e foi para o apartamento, Stephanie acabava de expulsar Ken Treeman, o adequadamente chamado «bonitão» com quem esperava casar, até que descobriu que ele andava a enganá-la.

Emma tentava encontrar uma resposta encorajadora quando ouviu uma voz conhecida atrás de si.

– Não deixaram nada para mim?

Emma virou-se e viu uma loura platinada de bom aspecto, vestindo um fato de saia e casaco de fazenda *bouclé* turquesa, parada à entrada da porta, que olhava para ela com um sorriso radioso.

– Mãe – exclamou Emma, correndo para a abraçar. – Estás com um aspecto esplêndido.

– Obrigada! Estava com receio de ficar toda engelhada durante a viagem.

A mãe e o padrasto de Emma tinham vindo de avião de Chicago nessa manhã e depois fizeram de automóvel a viagem desde o aeroporto de Filadélfia. Kay e Rory iam passar a noite na pousada. Emma queria que eles viessem na véspera, mas não tinham previsto nenhum jantar de ensaio do casamento e Rory declarara que tinha de estar em Chicago para uma reunião com o advogado da família que não podia de modo nenhum ser adiada. Emma não acreditou. Calculava que Rory quisesse evitá-la, e com boas razões.

– Rory está a tratar da bagagem?

– Não... – disse Kay. – Deixou-me aqui e seguiu. Disse que tinha de ir rapidamente a um sítio. Uma questão de negócios. Não sei. Tem feito um grande mistério.

Emma tentou manter a cara sem expressão. Durante toda a sua vida, adorara o pai e idealizara o casamento dos pais. Mitch e Kay Hollis tinham aquele género de amor acerca do qual as pessoas escrevem canções e, por isso, a infância de Emma na sua enorme mansão na margem do lago Michigan tinha sido de total felicidade. Quando o pai morreu durante o primeiro ano de pós-graduação de Emma, ficou destroçada por sua própria causa mas ainda mais por causa da mãe. Não conseguia imaginar como poderia a mãe sobreviver sem Mitch Hollis. Dez meses depois, Kay conheceu Rory no ginásio que frequentava. Rory era divorciado e trabalhava num banco de investimento. Quase sem que Emma desse por isso, a mãe tinha voltado a casar.

Kay e Rory venderam a mansão suburbana e mudaram-se para uma *penthouse* fabulosa no bairro Chicago Loop. Emma tinha saído de Chicago a toda a pressa para salvar um reboque cheio de peças soltas e recordações da casa da sua infância de que a mãe projectava desfazer-se durante a mudança. Agora, a colecção de objectos soltos estava numa unidade de armazenamento perto do rio Smoking em Clarenceville. Emma projectava despejar o armazém num futuro próximo, quando se organizasse, e distribuir as suas recordações pela casa nova onde iria viver com David e que tinha espaço suficiente.

Quanto a Kay, pareceu inserir-se sem sobressaltos na sua nova vida na cidade e foi com gratidão que entregou as rédeas financeiras da família a Rory, que administrava agora os fundos do legado de Emma além da fortuna proveniente do negócio de transportes marítimos do avô, que Kay tinha herdado. Rory McLean tinha menos quinze anos que a mãe de Emma e Kay sentia-se emocionada com a ideia de ter uma segunda hipótese de ser feliz. Embora Emma não compreendesse como a mãe pudera voltar a casar tão depressa, esforçara-se por se sentir feliz por ela até que uma noite, havia dois meses, quando jantava com David, vira o padrasto sentado numa mesa recatada num restaurante italiano de Nova Iorque chamado Chiara com o braço à volta de outra mulher, a rir e a sussurrar-lhe ao ouvido.

Emma ficou paralisada de horror ao vê-los. Quando decidiu levantar-se e confrontá-lo, Rory e a sua companheira já tinham saído do restaurante. Sentiu-se furiosa e ferida por causa da mãe. Sem saber o que fazer, discutiu o assunto com David, que a avisou de que não deveria destroçar o coração da mãe sem conhecer toda a história. Telefonou à mãe e Kay informou-a alegremente que Rory estava em Nova Iorque em negócios. Emma hesitou e depois disse à mãe que vira Rory no Chiara mas que ele tinha saído antes dela conseguir falar com ele.

– Vou já dizer-lhe – replicara Kay, descontraída. – Vai ficar cheio de pena por não te ter visto.

Com que então, pena, pensara Emma. Logo que Rory soubesse que ela o tinha visto no Chiara, ia retorcer-se todo e decerto compreenderia que o melhor que tinha a fazer era explicar-se. Esperava o momento com uma satisfação sombria.

– Este sítio é encantador para um casamento – disse Kay, mirando a sala.

– Não é muito elegante, mas o casamento é tão pequeno... – respondeu Emma.

– Bem, parece que têm tudo sob controlo. Penso que a mesa ao fundo é para os presentes que as pessoas vão trazer – disse Kay, apontando para uma mesa onde já estavam várias embalagens brancas e prateadas. – Francamente, o que aconteceu ao costume de os mandar para casa?

– Oh, mãe, deixe-se de etiquetas por causa disso. Está tudo bem.

– Eu sei, eu sei. Não liguês. Vai tudo correr na perfeição. Vai ser um casamento lindo. Agora vamos vestir-te.

– A tua mãe tem razão – disse Stephanie. – Não sabes que a coisa mais importante num casamento é o aspecto da noiva?

Emma sorriu alegremente.

– É evidente!

– Vão as duas ao andar de cima e comecem a tratar das coisas – disse Kay. – Quero falar rapidamente com o fornecedor da comida e depois vou ter convosco.

– Obrigada, mãe – agradeceu Emma, dando-lhe um abraço apertado.

– Vamos, noiva – chamou Stephanie. – Vamos ver se ainda conseguimos meter-te dentro daquele vestido.

Emma analisou-se ao espelho de corpo inteiro.

– Bem, que achas?

– Uau – disse Stephanie melancolicamente, mirando a imagem no espelho. – Esse vestido é fantástico.

Contemplando o vestido de cetim sem alças, estilo duquesa, que lhe moldava o corpo, Emily teve de reconhecer que era espectacular. A cor do tecido tinha um tom de leite condensado. O vestido adería ao seu corpo numa linha perfeita e a cintura não estava apertada e não

revelava nada. O decote era um pouco mais pronunciado que o habitual, mas isso contribuía para o atractivo.

– É bonito – disse.

Virou-se e olhou para Stephanie, que fora com ela para a ajudar a escolher um vestido para o casamento e que no mesmo dia tinha escolhido o seu encantador vestido verde-seco.

– O teu também é.

Stephanie pôs-se de pé e rodopiou.

– Eu sei. Adoro-o. Estou satisfeita por a tua mãe ter tomado conta do assunto dos vestidos.

Bateram à porta e Kay meteu a cabeça dentro do quarto.

– Posso entrar?

– Claro – disse Emma.

– Oh, queridinha – sussurrou Kay. – Estás magnífica.

– Obrigada, mãe. O vestido é soberbo. Como está tudo a correr lá em baixo?

– Está tudo perfeito. As flores são muito bonitas e a lareira está acesa. Aquele grupinho de *jazz* está a fazer o aquecimento. Os criados estão a postos. Há baldes de gelo com *Veuve Clicquot* e da cozinha vem um aroma divino.

Emma sorriu.

– Ótimo.

– E tu estás incrivelmente bela. Só falta uma coisa. Fecha os olhos.

– O quê?

– Fecha-os e pronto. E levanta o cabelo.

Emma fez o que a mãe lhe disse. Sentiu-a pôr-lhe qualquer coisa ao pescoço.

E ouviu Stephanie exclamar «Uau!»

Emma abriu os olhos. Uma gargantilha de diamantes cintilava sobre os tons quentes da sua pele.

– Oh, mãe!

– Era da tua avó – disse Kay. – Fica-te na perfeição.

Emma sorriu para o seu reflexo no espelho e respirou fundo de satisfação.

– Tem brincos a condizer – continuou Kay. – Aqui estão. E tu, Stephanie, também estás um encanto. Podiam ser irmãs.

– Hoje sinto-me irmã dela – disse Stephanie.

Emma olhou para Stephanie com ternura e, ao mesmo tempo, não conseguiu impedir-se de pensar nas suas queridas amigas que não estariam presentes naquele dia. Em primeiro lugar no seu pensamento estava Natalie, cuja ausência era, evidentemente, trágica. Nos meses anteriores ao suicídio, Natalie fora instável e muitas vezes difícil, mas Emma recordá-la-ia sempre como ela era quando a tinha conhecido. Ganhara uma bolsa de estudo e tinha uma mente brilhante; era trocista e audaciosa e as suas palhaçadas tornavam a vida excitante e divertida. Uma vez, quando Natalie não tinha estudado para um exame, esgueirou-se para dentro da sala de aula de manhã

cedo e escreveu no quadro: «O professor Smith adiou o teste de hoje.» Ao chegarem, todos os estudantes leram o anúncio e foram-se embora. Nesses primeiros anos, Emma não se apercebera de que o encanto estouvado de Natalie era o prenúncio de uma doença mental.

Os seus pensamentos desviaram-se da sua querida e perdida Natalie para a sua amiga de infância Jessica, que vivia em Nova Iorque. As mães eram amigas desde a adolescência e ficaram encantadas quando as filhas criaram uma amizade tão forte como a delas. Emma sempre partira do princípio de que Jessie seria a sua dama de honor no dia do seu casamento mas, afinal, Jessie e o marido, Chris, nem sequer assistiriam ao casamento, porque estava no quinto mês de uma gravidez muito difícil e o médico mandara-a ficar de cama.

O carácter improvisado do casamento impossibilitara a presença de um grupo de pessoas que lhe eram muito queridas. Mas Emma pensava que tinha tido sempre muita sorte com as suas amigas e, mesmo sendo Stephanie uma amiga recente, já eram tão íntimas como se se conhecessem há muitos anos.

– Obrigada por estares aqui comigo, Steph – disse.

– Não chores. Vais dar cabo da maquilhagem – respondeu Stephanie.

Alguém deu uma pancada na porta aberta. Rory, vestindo um dispendioso fato completo e com uns óculos de tartaruga que lhe davam o ar de um menino da escola, com o cabelo arruivado já grisalho penteado para trás, deixando à mostra a testa coberta de sardas, perguntou:

– É só para senhoras, ou posso entrar por um minuto?

Emma virou-se de novo para o espelho e começou a pôr os brincos.

– Trataste do que tinhas a tratar? – perguntou Kay, aproximando-se do marido e dando-lhe um beijo na face. – Oh, querido, estás a transpirar.

– Andei a correr de um lado para o outro. Emma, pareces uma visão – disse Rory.

– Obrigada.

– Onde estiveste, afinal? Que assunto tão importante era esse? – perguntou Kay.

– Bem, é por isso que vim falar com a nossa menina – Rory olhou para Stephanie. – Minha jovem senhora, dá-nos licença por uns minutos?

Stephanie pôs-se de pé desajeitadamente.

– Eu. Claro. Só vou...

Ergueu a orla do seu vestido verde-azeitona para não tocar na carpete e avançou com todo o cuidado para a porta aberta.

Emma sentiu-se perturbada. Com certeza, Rory não ia explicar o seu encontro secreto naquele preciso momento, poucos minutos antes do seu casamento.

Observou a saída de Stephanie para o patamar.

– De que se trata? – perguntou em tom indignado.

Rory pigarreou e meteu a mão no bolso do casaco.

– Este casamento surgiu tão de repente que nunca chegámos a ter a oportunidade de discutir isto. Passei agora mesmo pela tua nova casa para falar com o teu futuro marido.

Emma olhou fixamente para ele.

– Falar com David? – Na sua mente surgiu uma imagem desagradável de Rory a tentar dar a David conselhos paternais sobre a noite de casamento. – O que tinha para falar com David?

– Bem, foi por isso que não pudemos vir ontem à noite. Tinha um encontro com o nosso advogado para limar os últimos pormenores. – Remexeu no bolso interior do casaco, donde tirou um envelope, do qual extraiu algumas folhas de papel dobradas e agrafadas. – Este documento é um acordo pré-nupcial e aconselho-te vivamente, tal como aconselhei David, a assiná-lo antes do casamento se realizar.

Emma fitou-o. Estava tão longe das explicações e desculpas que esperava ouvir da boca de Rory que por instantes ficou sem palavras.

– Devo dizer que o teu futuro marido foi muito educado. Disse que se era o que tu querias...

– Não pode estar a falar a sério! – exclamou Emma.

– Muito a sério – garantiu Rory. – Não há nada mais sério que grandes quantias de dinheiro.

– Como ousa? Não posso acreditar que tenha feito isso. Mãe, sabia que ele ia fazer isto?

Kay McLean parecia perturbada.

– Rory, francamente!

– Ora, Kay, está muito dinheiro em causa. Como gestor do teu fundo, tenho o dever de te aconselhar sobre este assunto. Não é minha intenção levantar quaisquer dúvidas sobre David. É uma formalidade. Sei que é de última hora, mas só soubemos do casamento quando...

– Saia daqui. Isto é um insulto. Saia daqui! – gritou Emma.

– Rory – disse Kay. – É melhor saíres. Pousa isso em qualquer lado e vai. A minha filha é uma mulher adulta. Se ela não quiser fazê-lo...

– Está muito dinheiro em causa, Kay – disse Rory.

– Dinheiro meu, não seu – gritou Emma.

Rory voltou a enfiar o documento no bolso, com uma expressão grave na cara.

– Não podemos ser sentimentais acerca deste assunto. Temos de ser realistas. Nestes tempos, sendo a percentagem de divórcios o que é...

– Rory, sai! – disse Kay, empurrando o marido à força para fora do quarto.

– Emma, lamento se te perturbei. Só estou a tentar fazer o que é melhor para ti...

Emma tremia e recusava-se a olhar de frente para ele. Mal podia acreditar. Em vez de se sentir culpado e

envergonhado das suas acções, Rory tinha entrado por ali dentro e insultara-a. A sua vontade era virar-se para ele e despejar tudo o que sabia. Mas não pôde. Rory saiu do quarto e Kay fechou decididamente a porta nas costas dele.

– Oh, Em – disse. – Lamento. Não fazia ideia de que ele ia lançar-te isto. Por vezes, o sentido de oportunidade dele pode ser medonho.

– Acho que a questão não é só sentido de oportunidade – disse Emma, furiosa.

– Não te zangues. Ele estava só a pensar no teu bem.

– O meu bem – escarneceu Emma. – David deve estar perturbadíssimo...

– Tenho a certeza de que ele compreende – disse Kay, tentando tranquilizá-la. – Ele sabe que a tua família só quer o que é melhor para ti. Por favor, querida, não permitas que isto estrague o teu dia.

– Oh, meu Deus, tenho de telefonar-lhe para explicar.

Remexeu na carteira, à procura do telemóvel. Com dedos trémulos, sentou-se na borda da cama e marcou o número da casa deles. O telefone tocou várias vezes, sem resposta. Depois tentou o telemóvel de David. Também sem resposta.

– Demónio! – disse.

– Talvez ele já esteja lá em baixo. Acalma-te, Em – disse Kay. – Vai correr tudo bem.

– O mais provável é que esteja furioso.

– Duvido. Sabe que não foi ideia tua. Se ele te ama, vai compreender.

– Se? – exclamou Emma.

Kay agarrou nas mãos da filha.

– Claro que te ama. Eu sei que te ama.

– E se ele não vem a caminho? E se está tão furioso que resolve não aparecer?

– Vai aparecer. Tem um pouco de fé – disse Kay.

Emma, ainda a tremer, respirou fundo. Era o que podia fazer para não revelar o segredo de Rory. Lembrou a si mesma que seria de extrema crueldade para a mãe, que não merecia que aquele dia ficasse estragado. Emma lançou um olhar para a mãe.

– Mãe, eu não estou a agir como uma criança mimada. Compreendo que é muito dinheiro. David e eu conversámos sobre o assunto. Ele compreende a situação. Simplesmente acha que não lhe diz respeito. Não é pessoa que pense assim tanto no dinheiro. Diz que o dinheiro é meu e que posso fazer com ele o que entender. Deixe-me fazer-lhe uma pergunta. Não quero ser indelicada mas, depois do que Rory acabou de fazer... A mãe fez um acordo pré-nupcial?

Kay abanou a cabeça.

– Sou como tu. Não sou romântica. Acredito que, no casamento, não devemos protegermo-nos contra as

perdas. Confiança e esperança. Precisamos destas coisas num casamento.

Emma acenou em sinal de concordância mas sentia-se enjoada e dentro de si pairava uma imagem de Rory McLean sentado num recanto escuro, encostado a outra mulher.

– E vejo que estás feliz – prosseguiu Kay. – E muito apaixonada.

– Estou – insistiu Emma.

Kay pôs os braços à volta da filha e apoiou levemente a face na cara de Emma.

– Continua assim.